

RELIGIÃO, POLÍTICA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO
NATALINO DE MICHELLE BOLSONARO E A NOÇÃO DE SOTEROFASCISMO

RELIGION, POLITICS, AND THE CONSTRUCTION OF MEANING: A DIALOGICAL ANALYSIS OF
MICHELLE BOLSONARO'S CHRISTMAS DISCOURSE AND THE NOTION OF SOTEROFASCISM

RELIGIÓN, POLÍTICA Y CONSTRUCCIÓN DE SENTIDO: UN ANÁLISIS DIALÓGICO DEL DISCURSO
NAVIDEÑO DE MICHELLE BOLSONARO Y LA NOCIÓN DE SOTEROFASCISMO

 Priscila do Nascimento Fernandes¹

1. Graduação em Letras inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
E-mail: bowmanpriscila@gmail.com

ABSTRACT: This article analyzes Michelle Bolsonaro's Christmas address, broadcast at the end of 2025, as an example of a hybrid religious-political discourse, applying categories from Bakhtinian theory (dialogism, heteroglossia, and the tension between authoritarian and persuasive discourse) to understand the mechanisms of persuasion and control present in the utterance. The neologism *soterofascism* is introduced to designate discursive regimes in which faith and hope are mobilized as instruments of political legitimization and consolidation of authority. The analysis shows that the discourse constructs an ideal interlocutor, fuses religious, political, and familial voices, and combines affective persuasion with authoritarian imperatives, producing effects of adherence and social exclusion. The results indicate that soterofascism manifests as a discursive strategy that transforms spiritual redemption into an instrument of political mobilization, highlighting significant implications for the democratic public sphere in contemporary Brazil.

Keywords: Soterofascism; religious-political discourse; dialogism; heteroglossia; authoritarian discourse; Michelle Bolsonaro.

RESUMO: Este artigo analisa o pronunciamento natalino de Michelle Bolsonaro, veiculado no final de 2025, como exemplo de discurso híbrido religioso-político, aplicando categorias da teoria bakhtiniana (dialogismo, heteroglossia e tensão entre discurso autoritário e persuasivo) para compreender os mecanismos de persuasão e controle presentes na enunciação. Introduz-se o neologismo *soterofascismo* para designar regimes discursivos nos quais a fé e a esperança são mobilizadas como instrumentos de legitimação política e consolidação da autoridade. A análise mostra que o discurso constrói um interlocutor ideal, funde vozes religiosas, políticas e familiares, e combina persuasão afetiva com imperativos autoritários, produzindo efeitos de adesão e exclusão social. Os resultados indicam que o soterofascismo se manifesta como uma estratégia discursiva que transforma a redenção espiritual em instrumento de mobilização política, evidenciando implicações significativas para o espaço público democrático no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Soterofascismo; discurso religioso-político; dialogismo; heteroglossia; discurso autoritário; Michelle Bolsonaro.

RESUMEN: Este artículo analiza el discurso navideño de Michelle Bolsonaro, transmitido a finales de 2025, como un ejemplo de discurso híbrido religioso-político, aplicando categorías de la teoría bakhtiniana (dialogismo, heteroglossia y la tensión entre discurso autoritario y persuasivo) para comprender los mecanismos de persuasión y control presentes en la enunciación. Se introduce el neologismo *soterofascismo* para designar regímenes discursivos en los que la fe y la esperanza se movilizan como instrumentos de legitimación política y consolidación de la autoridad. El análisis muestra que el discurso construye un interlocutor ideal, fusiona voces religiosas, políticas y familiares, y combina persuasión afectiva con imperativos autoritarios, produciendo efectos de adhesión y exclusión social. Los resultados indican que el soterofascismo se manifiesta como una estrategia discursiva que transforma la redención espiritual en un instrumento de movilización política, evidenciando implicaciones significativas para el espacio público democrático en el Brasil contemporáneo.

Palabras-clave: Soterofascismo; discurso religioso-político; dialogismo; heteroglossia; discurso autoritario; Michelle Bolsonaro.

Recebido em: 03/02/2026

Aprovado em: 20/02/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Nos últimos anos, observa-se no cenário político brasileiro uma intensificação de discursos que articulam elementos religiosos à legitimação de projetos políticos. Tal fenômeno não se limita à mobilização pontual de símbolos cristãos, mas envolve a construção de narrativas em que a política passa a ser apresentada como via de redenção coletiva.

Nesse contexto, este artigo analisa o pronunciamento natalino de Michelle Bolsonaro, veiculado no final de 2025, tomando-o como exemplar de um discurso híbrido religioso-político. Para isso, utiliza-se o neologismo “soterofascismo”, cunhado pela autora, para nomear regimes discursivos nos quais a fé e a esperança são mobilizadas como instrumentos de legitimação política e de controle social (GRIFFIN, 2005; MORROW, 2023).

O conceito será desenvolvido ao longo do texto, articulando-se com categorias da teoria bakhtiniana, como dialogismo, heteroglossia e a tensão entre discurso autoritário e persuasivo, a fim de compreender seus efeitos de sentido e suas implicações para o espaço público democrático (BAKHTIN, 2011; 2015).

O problema de pesquisa que orienta o estudo é: de que modo discursos de caráter religioso, ao serem incorporados à retórica política, contribuem para a consolidação de regimes discursivos de controle social e legitimidade política, e como tais mecanismos se articulam com a noção de soterofascismo?

O objetivo geral é investigar como o pronunciamento de Michelle Bolsonaro mobiliza elementos religiosos e morais para estruturar um discurso híbrido, analisando seus efeitos de sentido, os mecanismos de persuasão e a articulação entre fé e política. Especificamente, o estudo busca: (i) identificar manifestações de dialogismo e heteroglossia no discurso; (ii) analisar a tensão entre discurso autoritário e persuasivo; e (iii) compreender de que maneira tais características reforçam a lógica do soterofascismo.

A hipótese que orienta a pesquisa é a de que o discurso natalino analisado utiliza estratégias discursivas que simulam diálogo e diversidade de vozes, mas de modo instrumental e hierárquico, convertendo a fé e a esperança em mecanismos de legitimação política. Assim, o pronunciamento seria exemplar de um regime discursivo soterofascista, no qual a linguagem religiosa é mobilizada para consolidar autoridade e controle social, configurando efeitos persuasivos e autoritários sobre o público-alvo.

1. O soterofascismo como categoria analítica

O neologismo *soterofascismo*, cunhado pela autora deste artigo, articula duas dimensões analíticas centrais. O termo deriva da combinação de dois elementos etimológicos: o radical grego *sōtēria* (σωτηρία)¹, que significa “salvação”, “libertação” ou “redenção”, e do conceito político “fascismo”, entendido como um conjunto de ideologias e práticas autoritárias marcadas pelo nacionalismo extremo, pela mobilização afetiva das massas, pelo culto ao líder e pela supressão sistemática da dissidência (GRIFFIN, 2005).

Ao fundir esses elementos, o conceito busca nomear uma configuração específica de poder em que a promessa de salvação opera como princípio legitimador do autoritarismo, deslocando a experiência

¹ De acordo com o Dicionário VINE: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. (VINE, UNGER, WHITE, 1985/2002)

soteriológica do campo ético-religioso para o núcleo da ação política. A noção inspira-se conceitualmente no termo *cristofascismo*, formulado por Dorothee Sölle (1970; 2007), que denuncia a instrumentalização da figura de Cristo para a legitimação de projetos autoritários.

A escolha do radical soteriológico não é arbitrária. A soteriologia, enquanto campo teológico que estuda doutrinas de salvação, oferece um vocabulário conceitual preciso para analisar como narrativas de redenção, purificação e renascimento operam politicamente (MORROW, 2023). Diferentemente de termos como "teocracia" (que enfatiza o governo direto por autoridade religiosa) ou "fundamentalismo" (que enfatiza literalismo doutrinário), o radical soteriológico captura especificamente a promessa de salvação coletiva como mecanismo de legitimação.

Conceitualmente, o soterofascismo articula três dimensões fundamentais: (1) uma narrativa de crise existencial que diagnostica decadência moral, ameaça civilizacional ou corrupção nacional; (2) uma promessa de salvação, purificação ou renascimento através de um líder, movimento ou projeto político apresentado como redentor; e (3) a legitimação de meios extraordinários, incluindo violência, exclusão e supressão de direitos, como necessários para a realização da salvação prometida (GRIFFIN, 2005; PY, 2020; RUSU, 2016).

Nesse horizonte analítico mais amplo, torna-se possível compreender como outras categorias já consolidadas, como o cristofascismo e o teofascismo, operam em chave semelhante, embora com ênfases distintas. O conceito de cristofascismo tem origem na teóloga alemã Dorothee Sölle, que, na década de 1970, formulou o termo para designar a instrumentalização da figura de Jesus Cristo e de símbolos cristãos, como a cruz, para sustentar projetos de natureza fascista ou imperialista. Nesse caso, a identidade cristã é fundida ao nacionalismo exclusivista, de modo que "ser cristão" passa a funcionar como marcador biopolítico de inclusão ou exclusão: define quem pertence à nação e quem deve ser combatido como inimigo da fé ou como "anticristo" (DOROTHEE SÖLLE, 1970; 2007).

Já o teofascismo² constitui uma categoria mais ampla. Ele se refere à fusão entre o Estado e a autoridade divina em sentido geral, operando a partir da ideia de que o governante exerce seu poder por mandato direto de Deus, o que configura uma espécie de teocracia disfarçada de democracia. Nesse modelo, o foco recai sobre o poder de Deus como fonte da lei e da ordem, sendo frequentemente associado ao chamado "fascismo clerical", em que instituições religiosas legitimam o líder político como extensão da vontade divina na Terra (GOLDBERG, 2006).

Por sua vez, o soterofascismo, neologismo proposto no artigo, desloca o foco da figura de Deus ou de Cristo para a promessa de redenção coletiva como motor da adesão política. Ele opera por meio de um ciclo discursivo específico: primeiro, diagnostica-se uma crise terminal ou um cenário de decadência; em seguida, apresenta-se um líder ou projeto redentor; por fim, promete-se um novo nascimento, uma restauração ou salvação nacional. Diferentemente das categorias anteriores, o soterofascismo organiza a mobilização não apenas pela identidade religiosa ou pela obediência a uma hierarquia divina, mas sobretudo

² O termo é frequentemente creditado à jornalista e autora norte-americana Michelle Goldberg, que o utilizou de forma proeminente em seu livro *Kingdom Coming: The Rise of Christian Nationalism* (2006), (A chegada do reino: a ascensão do nacionalismo cristão, em tradução livre), para descrever a interseção entre o conservadorismo cristão radical e impulsos autoritários que buscavam transformar o Estado em uma extensão da doutrina religiosa. Entre outras referências relevantes, destaca-se Chris Hedges, que em *American Fascists: The Christian Right and the War on America* (2008), (Fascistas americanos: a direita cristã e a guerra contra a América, em tradução livre), amplia essa discussão, ainda que privilegie a expressão "fascismo americano", bem como Roger Griffin, cuja formulação do fascismo como "religião política" e seus estudos sobre o fascismo clerical constituem a base teórica que fundamenta a noção de teofascismo.

pelo afeto, pela esperança e pela expectativa de transformação radical da realidade. O quadro abaixo apresenta uma demonstração das distinções entre esses conceitos.

Cristofascismo	Teofascismo	Soterofascismo
É uma crítica teológica. Foca na deturpação da figura de Cristo para justificar o autoritarismo. É o “Cristo que ordena a guerra.”	É uma categoria sociopolítica. Foca no domínio institucional e legal da religião sobre o Estado. É o “Estado governado pela Lei de Deus”.	É uma categoria discursivo-afetiva. Não foca apenas na figura (Cristo) ou na lei (Deus), mas no processo de salvação. É a política como “promessa de redenção contra o caos”.

Elaboração própria com base em Sölle (1970) e Goldberg (2006)

Nesse sentido, enquanto no cristofascismo o sofrimento aparece como marca identitária e, no teofascismo, como punição divina, no soterofascismo ele é ressignificado como prova necessária para o renascimento. Além disso, sua aplicação é mais flexível, pois não se restringe ao cristianismo nem a teísmos formais: pode incidir sobre discursos políticos que reproduzem a estrutura narrativa da salvação, ainda que de forma menos dogmática.

O diferencial do soterofascismo reside em sua dimensão processual. Enquanto cristofascismo e teofascismo tendem a ser mais estáticos, centrados em quem governa, o soterofascismo enfatiza como as pessoas são convencidas, isto é, por meio da promessa de que o caos presente só pode ser superado por um evento redentor que legitima, inclusive, o uso de meios extraordinários, como a violência ou a exclusão, em nome de um futuro paradisíaco. Trata-se também de uma poderosa ressignificação da crise: a política é convertida em drama escatológico, no qual abandonar o líder equivale a renunciar à própria salvação.

Por fim, conforme sugere a análise de base bakhtiniana do artigo, o soterofascismo apresenta um caráter híbrido, pois simula discursivamente a experiência religiosa de renascimento (a *metanoia*) para validar agendas políticas autoritárias de modo altamente persuasivo e afetivo. Em síntese, essa categoria permite compreender a política como via de redenção, na qual o líder não é apenas um governante, mas o mediador de um novo tempo histórico e de uma promessa de salvação coletiva.

Portanto, esta estrutura tripartite: diagnóstico de crise, promessa salvífica e legitimação de meios extraordinários, distingue o soterofascismo de outras formas de autoritarismo religioso ou político. Enquanto teocracias podem governar através de autoridade divina sem necessariamente prometer salvação iminente, e populismos podem mobilizar ressentimento sem retórica redentora, o soterofascismo faz da promessa de salvação o eixo central de sua legitimação (DIAS, 2022; SIEWIERSKA-CHMAJ, 2022).

A partir desse diálogo teórico, o soterofascismo descreve discursos nos quais a política é investida de uma função redentora, a crise social é narrada como drama moral ou espiritual e o sofrimento coletivo é naturalizado como prova necessária para a restauração da ordem. Nessa lógica, o líder político assume o papel de mediador da salvação histórica, enquanto a oposição tende a ser deslocada para a posição de inimigo moral ou espiritual.

Diferentemente de formas explícitas de autoritarismo institucional, o soterofascismo opera predominantemente no plano discursivo, simbólico e afetivo, produzindo adesão por meio de narrativas de esperança, perseverança e redenção coletiva. Trata-se, portanto, de um fenômeno que não elimina formalmente os dispositivos democráticos, mas os esvazia simbolicamente, ao substituir o debate político pelo alinhamento moral e pela obediência a um projeto apresentado como expressão da vontade divina ou como destino histórico inevitável.

Na próxima seção, serão apresentados e discutidos conceitos centrais da teoria bakhtiniana da linguagem, com ênfase em sua dimensão social, histórica e axiológica. Tais conceitos serão articulados analiticamente à noção de soterofascismo, de modo a evidenciar como determinados regimes discursivos constroem sentidos de salvação, autoridade e pertença coletiva por meio da linguagem, da valoração ideológica e da organização dos gêneros do discurso.

2. A Dimensão Discursiva: Dialogismo Bakhtiniano e Retórica Salvífica

A teoria dialógica do círculo de Bakhtin revolucionou os estudos da linguagem ao propor que todo enunciado é fundamentalmente dialógico, constituído na relação com outros discursos. Não se trata apenas de diálogo face a face, mas da presença constitutiva do outro em todo ato de linguagem, configurando uma arena de vozes sociais em permanente interação. Dessa forma, o dialogismo representa o princípio constitutivo da linguagem, onde:

A orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. (BAKHTIN, 2015, p. 51).

A teoria bakhtiniana oferece ferramentas fundamentais para a análise de discursos que emergem da interseção entre diferentes esferas da atividade humana. Para Bakhtin, todo enunciado é constitutivamente dialógico, isto é, responde a outros discursos e antecipa respostas futuras. No caso do discurso religioso-político, observa-se um intenso processo de interdiscursividade, no qual vozes bíblicas e teológicas são reacentuadas em um novo horizonte ideológico, produzindo sentidos ajustados a contextos específicos de disputa política.

Intimamente relacionada ao dialogismo, a heteroglossia (ou plurilinguismo) designa a multiplicidade de vozes sociais, ideológicas e linguísticas que coexistem em tensão no interior de uma língua nacional. Conforme formula Bakhtin (2015), a língua, tal como se manifesta na vida cotidiana, é sempre atravessada por esse caráter heteroglóstico, revelando estratificações sociais, profissionais, geracionais e ideológicas que a constituem historicamente. Nessa perspectiva, a heteroglossia desestabiliza qualquer pretensão de neutralidade discursiva, evidenciando que todo enunciado se inscreve em um campo de disputas simbólicas, no qual diferentes perspectivas sociais se confrontam e se refratam mutuamente.

A heteroglossia permite apreender não apenas a presença simultânea de múltiplas vozes sociais, mas também os modos pelos quais essas vozes são hierarquizadas, silenciadas ou reacentuadas em gêneros híbridos que articulam fé, moralidade e projeto político (BAKHTIN, 2011a). A heteroglossia, portanto, oferece ferramentas analíticas para compreender como soterofascismo opera através de gêneros híbridos religioso-políticos.

No contexto dessa arena dialógica, Bakhtin distingue duas categorias fundamentais de discurso: o autoritário e o internamente persuasivo. O discurso autoritário sempre tentará impor a sua verdade social como única (FARACO, 2009). Caracteriza-se pela distância hierárquica, pela impossibilidade de questionamento e pela transmissão sem transformação.

Em contraste, o discurso internamente persuasivo permite apropriação criativa, desenvolvimento e reelaboração. Enquanto o primeiro se impõe pela autoridade externa, o segundo convence pela ressonância interior, possibilitando a formação ideológica do sujeito através do embate produtivo entre diferentes vozes sociais (BAKHTIN, 2011b).

A dimensão discursiva do soterofascismo beneficia-se significativamente do conceito bakhtiniano de dialogismo, e também de categorias como heteroglossia e discurso autoritário versus internamente persuasivo. Embora a literatura fornecida contenha aplicações limitadas de Bakhtin especificamente a fenômenos soterofascistas, estudos recentes demonstram a produtividade analítica de *frameworks* bakhtinianos para compreender discurso religioso-político autoritário (AGGARWAL, 2015; PASCHOAL, 2022).

Ao mobilizarem o arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, Teixeira *et al.* (2024) oferecem uma análise dialógico-discursiva dos enunciados do pastor Ed René Kivitz que permite compreender o funcionamento interno das disputas discursivas no campo evangélico contemporâneo. A partir de categorias como polêmica, discurso do outro, entonação e forças centrífugas e centrípetas, os autores evidenciam como tais enunciados atuam como forças de desestabilização frente a discursos religiosos homogeneizantes alinhados ao projeto político bolsonarista.

O estudo é particularmente elucidativo ao revelar a operação da heteroglossia em contextos soterofascistas: longe de constituir um bloco monológico, o discurso evangélico aparece atravessado por vozes múltiplas e conflitivas (pró-Bolsonaro, dissidentes, críticas e apologéticas), que disputam sentidos no interior do mesmo espaço discursivo. Nesse movimento, Kivitz não apenas se opõe frontalmente ao discurso dominante, mas o reinscreve por meio da recuperação e da reentonação da palavra alheia, produzindo deslocamentos de sentido que tensionam a naturalização da adesão religiosa ao bolsonarismo.

Um estudo feito por Francelino e Santana (2023) aplica conceitos bakhtinianos como relações dialógicas, discurso bivocal e polêmicas abertas e ocultas para analisar como o contradiscurso de um grupo cristão protestante refrata a realidade sócio-histórica brasileira, particularmente temas político-religiosos. O *framework* revela embates ideológicos entre cristãos com perspectivas antagônicas, destacando como a polêmica constitui forma de resistência contra segmentos religiosos dominantes. A análise expõe dinâmicas de poder através da análise de post no Facebook de um pastor, mostrando como a voz do "outro" influencia o discurso.

Essas categorias bakhtinianas revelam que a consciência individual se constitui na fronteira entre o eu e o outro, através de um processo dialógico ininterrupto. A compreensão da linguagem como espaço de heteroglossia e da tensão entre discursos autoritários e persuasivos oferece ferramentas analíticas fundamentais para investigar como sujeitos negociam, resistem e transformam os discursos sociais que os atravessam.

3. Percurso metodológico

Esta pesquisa insere-se no paradigma interpretativo, de natureza qualitativa e cunho exploratório (FLICK, 2009). O corpus de análise é constituído por um vídeo em formato de *reel*, publicado no perfil oficial de Michelle Bolsonaro no Instagram (@michellebolsonaro) em 24 de dezembro de 2025. A seleção do material orientou-se pelo critério de relevância temática, especificamente pela densa articulação entre elementos da liturgia cristã e a retórica política institucionalizada em redes sociais.

Para o tratamento dos dados, utilizou-se o protocolo de transcrição ortográfica acrescido de notas sobre a entoação e marcas prosódicas. A análise considera a multimodalidade do enunciado (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; FAIRCLOUGH, 2001), integrando a dimensão verbal (o texto falado), a imagética (montagem de cenas domésticas e públicas, fotografias e iconografia religiosa) e a sonora (trilha solene e vozes em *off*).

A interpretação fundamenta-se na articulação das categorias bakhtinianas com as dimensões do soterofascismo: narrativa de crise, promessa salvífica e legitimação de meios extraordinários.

4. A Sagrada Família e a família Bolsonaro: sofrimento, legitimação e salvação

A seção de análise toma como objeto um enunciado audiovisual publicado na modalidade *reels* do Instagram por Michelle Bolsonaro no dia 24 de dezembro de 2025, véspera do Natal cristão. Com duração aproximada de 5 minutos e 10 segundos, a mensagem extrapola o padrão médio desse gênero digital, o que já sinaliza uma aposta discursiva na construção de uma narrativa mais elaborada, contínua e afetivamente densa.

Trata-se de um gênero marcado pela ampla circulação, pela performatividade do eu enunciador e pela forte mobilização emocional, características que potencializam sua eficácia no espaço público digital. Até 31 de janeiro de 2026, a postagem já contabilizava cerca de 2 milhões de visualizações, evidenciando seu alcance expressivo e sua relevância no ecossistema comunicacional das redes sociais.

A escolha da data, do formato e da temática religiosa inscreve o enunciado em uma temporalidade simbólica específica, na qual o Natal opera como dispositivo semântico privilegiado para a produção de sentidos de sofrimento, esperança, redenção e renovação coletiva.

Michelle Bolsonaro é uma figura pública de destaque no cenário político brasileiro contemporâneo, atuando como presidente nacional do PL Mulher e consolidando-se, nos últimos anos, como uma das vozes mais proeminentes da direita conservadora e religiosa no país. Sua atuação discursiva articula elementos do campo religioso evangélico, da moral cristã e da política institucional, ocupando um lugar estratégico na mediação entre fé, afetos e projeto político.

No *reels* analisado, essa posição enunciativa se materializa por meio de uma narrativa que estabelece analogias entre o sofrimento da família de Jesus no contexto de seu nascimento e as provações vivenciadas por sua própria família, bem como por aqueles que se identificam com o grupo político que ela representa. Essa operação discursiva aciona a memória discursiva cristã e promove a reacentuação da palavra alheia, especialmente do discurso bíblico, de modo a produzir um efeito de legitimação moral e política, elemento central para a compreensão das dinâmicas do soterofascismo em circulação no espaço digital contemporâneo.

O *Reel* inicia-se com uma sequência de imagens de Michele e Jair Bolsonaro em eventos públicos, que, progressivamente, dão lugar a cenas de cunho doméstico, nas quais a interlocutora aparece organizando a decoração natalina. Em seguida, são exibidas fotografias da família, entre as quais se destaca

uma imagem em que Michele Bolsonaro surge ao lado do esposo, ambos vestindo camisetas com a inscrição “Jesus”. Essa composição visual articula, desde o início, as esferas do político, do familiar e do religioso, produzindo um efeito de continuidade simbólica entre a atuação pública e a vida privada.

Paralelamente à dimensão imagética, uma voz masculina, acompanhada por uma trilha sonora solene, irrompe no enunciado, sinalizando a gravidade e a sacralidade do pronunciamento. O enunciador verbal delimita explicitamente o destinatário do discurso ao dirigir-se aos “homens e mulheres de bem”, expressão que opera como marcador de pertencimento moral e ideológico. Tal formulação não apenas convoca um público específico, mas também institui uma fronteira simbólica entre aqueles que são incluídos no campo do “bem” e aqueles que permanecem implícita ou explicitamente excluídos, antecipando o caráter normativo e hierarquizante do discurso que se seguirá.

Fragmento 1

“O tempo do Natal se aproxima e com isso somos convidados a abrir mais uma janela de reflexão profunda.

(0:09) Viver o Natal é ter consciência de que nossa vida é feita de recomeços, de novos nascimentos.

(0:17) Cada dia que nasce é uma oportunidade para que também nós possamos renascer

(0:23) e renovar os nossos sonhos, a nossa esperança e a nossa alegria.”

O enunciado inicial: “*O tempo do Natal se aproxima,*” aciona imediatamente uma memória discursiva religiosa compartilhada, ancorada no calendário cristão e na narrativa da encarnação. Do ponto de vista bakhtiniano, trata-se de uma clara mobilização da palavra alheia, isto é, de discursos anteriores socialmente estabilizados (liturgia cristã, homilias natalinas, textos bíblicos) que são reintroduzidos no presente enunciativo (BAKHTIN, 2015; 2011).

Essa palavra alheia não aparece como objeto de debate, mas como pressuposto consensual, já investido de autoridade simbólica. O efeito é a naturalização de um horizonte interpretativo específico, no qual o Natal é apresentado não como uma celebração cultural plural, mas como fundamento ético universal.

Do ponto de vista do soterofascismo, essa operação é decisiva: a salvação deixa de ser uma categoria teológica situada e passa a funcionar como chave interpretativa totalizante da experiência social, preparando o terreno para a leitura redentora de sofrimentos coletivos e individuais (GRIFFIN, 2005). A insistência em “recomeços” e “renascer” instala a promessa salvífica: a realidade social é apresentada como algo que precisa nascer de novo sob uma nova ordem regenerada.

Desta maneira, a insistência nos termos “nascimento”, “recomeços” e “renascer” ativa uma matriz semântica messiânica profundamente enraizada na tradição cristã. Em termos bakhtinianos, trata-se da mobilização de uma palavra alheia historicamente saturada, cujo núcleo axiológico remete à encarnação de Cristo e à irrupção de um tempo novo na história. Essa palavra não é neutra: ela carrega a ideia de ruptura com um passado corrompido e de inauguração de uma ordem regenerada.

No plano do soterofascismo, essa matriz messiânica funciona como dispositivo preparatório: antes que qualquer figura política seja nomeada, o discurso já instala uma lógica segundo a qual a história só pode avançar por meio de um nascimento redentor. Assim, o ouvinte é conduzido a compreender a realidade social e política como algo que precisa nascer de novo, e não simplesmente ser reformado ou debatido.

Embora Jair Bolsonaro não seja mencionado nesse trecho inicial, o sentido não é produzido no vazio. Ele se ancora em uma memória discursiva bolsonarista amplamente difundida desde 2018, na qual Bolsonaro é reiteradamente apresentado como aquele que “salvou o Brasil”, “impediu o comunismo” ou

“devolveu Deus à nação”. À luz de Bakhtin, ocorre aqui um processo de reacentuação: o vocabulário do nascimento cristão é deslocado para o campo político, sem ruptura explícita, mas por continuidade simbólica. Neste caso, o comunismo seria a narrativa da crise e o movimento político instaurado pela ascensão do novo líder da direita seria a promessa de salvação (*sōtēria*). A negação implícita ao regime político antigo (velho, em oposição ao novo), mobiliza um mecanismo de exclusão do dissidente, a fim de que se realize o processo de salvação da coletividade por via do novo messias.

O nascimento, nesse contexto, deixa de ser apenas o de Cristo e passa a funcionar como metáfora política implícita: o “novo Brasil” que nasce, o “recomeço da nação”, o país que precisa ser restaurado após um período de decadência moral. Bolsonaro aparece, ainda que silenciosamente, como mediador desse novo tempo, ocupando uma posição messiânica não teológica, mas político-salvífica.

No trecho seguinte, a imagem de Michele Bolsonaro, em plano de fala, é reiteradamente interrompida por cenas de Jair Bolsonaro hospitalizado, com sonda nasal, ou caminhando com dificuldades, amparado por médicos e enfermeiros, bem como por imagens da própria interlocutora em prantos. Esses recortes visuais produzem um efeito de vulnerabilidade corporal e sofrimento, deslocando o foco do enunciado da esfera da liderança política para a experiência da dor e da provação.

Após essa sequência, a imagem da interlocutora reaparece brevemente, apenas para ser novamente interrompida por representações da Sagrada Família, com o menino Jesus deitado na manjedoura. A justaposição entre as imagens do sofrimento físico de Jair Bolsonaro, a comoção emocional de Michele e a iconografia cristã do nascimento de Cristo estabelece uma analogia implícita entre a experiência familiar apresentada e a narrativa bíblica da dor, da espera e da redenção.

Desse modo, o discurso constrói uma continuidade simbólica entre o padecimento humano contemporâneo e o sofrimento sacralizado da tradição cristã, ativando um regime de sentido no qual a adversidade é ressignificada como prova necessária e prenúncio de salvação.

Fragmento 2

(0:28) Existem dias em que as nossas provações parecem intermináveis e essas situações tornam as nossas vidas mais difíceis, fazendo com que esse necessário nascer de novo pareça algo inalcançável.

(0:46) É justamente nesses momentos de provação que devemos nos lembrar de que o nosso Salvador nasceu enfrentando grandes dificuldades em um cenário marcado pelo desprezo, pela frieza e pela maldade de algumas pessoas que poderiam ajudar aquela família, mas preferiram ser indiferentes e omissas.

(1:09) Nada disso conseguiu impedir que a luz brilhasse nas trevas e um menino nos fosse dado.

Os primeiros 18 segundos do fragmento acima inaugura o enunciado por meio da constituição de um “nós” coletivo marcado pela provação, estratégia recorrente em discursos soterofascistas. Do ponto de vista bakhtiniano, trata-se de uma ativação da memória discursiva profundamente ancorada na tradição cristã, na qual o sofrimento é interpretado como etapa necessária de um processo de redenção.

Aqui se materializa a narrativa de crise existencial. O sofrimento é naturalizado como prova necessária. A analogia entre o nascimento de Jesus e o sofrimento do grupo político institui uma lógica dicotômica. A oposição “luz/trevas” funciona como discurso autoritário (BAKHTIN), suprimindo a heteroglossia e moralizando o campo político. Os “indiferentes e omissos” são deslocados para a posição de inimigos, justificando o soterofascismo como via única de restauração.

A expressão “nascer de novo”, retirada do léxico bíblico (João 3), comparece aqui como palavra alheia, reacentuada em um contexto político-afetivo contemporâneo. Essa reacentuação desloca o sentido do renascimento espiritual individual para uma experiência coletiva de resistência diante de adversidades historicamente indeterminadas, criando um campo de identificação ampla e difusa.

A partir dos 46 segundos se evidencia uma operação central do soterofascismo: a analogia moral entre o sofrimento fundador do cristianismo e o sofrimento presente do grupo político-religioso que se pretende representar.

Do ponto de vista do dialogismo, o discurso bíblico é mobilizado como palavra autoritária, isto é, um discurso fechado, investido de alto valor axiológico e pouco aberto à contestação. A narrativa do nascimento de Jesus é reintonada de modo a enfatizar a oposição entre os justos perseguidos e os indiferentes ou maldosos, instaurando uma lógica dicotômica típica de discursos autoritários. Ainda que os “agentes do mal” não sejam nomeados, sua presença é pressuposta, produzindo um efeito de identificação automática entre os ouvintes e a posição dos injustiçados.

Em 1 minuto e 9 segundos, o discurso assume plenamente o caráter de discurso autoritário, nos termos de Bakhtin. A metáfora bíblica da “luz” que vence as “trevas” funciona como um enunciado monológico, no qual não há espaço para vozes alternativas, ambivalência semântica ou conflito interpretativo.

A oposição luz/trevas cristaliza um esquema moral absoluto, típico do soterofascismo, no qual o campo político é moralizado e teologizado. Dialogicamente, observa-se a supressão da heteroglossia: outras leituras possíveis da realidade social são silenciadas em favor de uma narrativa única de redenção inevitável, conferindo ao grupo representado a posição de portador exclusivo da verdade e da esperança.

A alusão implícita ao líder que se encontra preso no momento do pronunciamento (Jair Bolsonaro, apresentado como alvo de perseguição em razão de sua articulação e tentativa de golpe no Brasil) articula-se a uma analogia construída a partir da imagem do sofrimento da Sagrada Família no momento do nascimento de Jesus. Essa associação projeta, simbolicamente, um tempo de remissão e salvação após a crise, que seria inaugurado com a soltura do líder, concebido, nesse enquadramento discursivo, como mediador de um novo tempo de restauração (narrativa de crise e promessa de salvação).

Nesse quadro, a mobilização de uma concepção binária entre luz e trevas, com a vitória da luz sobre as trevas, funciona como operador axiológico que organiza o campo político em termos maniqueístas, naturalizando a construção do adversário como inimigo absoluto. Tal estrutura simbólica, ao absolutizar a diferença, abre espaço para a legitimação discursiva da exclusão, da eliminação simbólica e, em seus desdobramentos mais extremos, do extermínio do dissidente (legitimação de meios extraordinários de supressão da voz dissidente).

O trecho seguinte aprofunda a lógica soterofascista já instaurada no início do enunciado ao intensificar a fusão entre redenção religiosa e destino político coletivo. Ao fazer as afirmações, a enunciadora projeta um futuro redentor que não se apresenta como hipótese, mas como certeza escatológica.

Essa formulação assume o estatuto de discurso autoritário (Bakhtin), uma vez que se ancora em uma verdade revelada e não negociável, que prescinde de argumentação racional ou abertura ao contraditório. A promessa de iluminação futura opera como mecanismo de adesão afetiva e moral, típico do soterofascismo, ao subordinar a experiência política à expectativa de salvação.

(1:45) A nossa luz também brilhará e a esperança encherá os nossos lares.
(1:51) Aquela noite fria em Belém foi iluminada e aquecida com o nascimento de Jesus.
(1:58) E é esse mesmo Jesus que hoje segue a nossa frente iluminando os nossos caminhos e alargando as veredas para que passemos ilesos pelo vale sombrio que se instalou em nosso país.

Do ponto de vista do dialogismo, observa-se a mobilização intensa da palavra alheia bíblica, especialmente por meio da reacentuação do episódio do nascimento de Jesus em Belém e da metáfora do “vale sombrio”, fortemente associada ao Salmo 23. Esses enunciados não comparecem como citações explícitas, mas como fragmentos da memória discursiva cristã incorporados ao discurso contemporâneo e resignificados politicamente.

A narrativa bíblica do nascimento em meio à adversidade é deslocada para o presente nacional, de modo que o “vale sombrio” deixa de ser uma experiência espiritual individual e passa a representar a situação política do país. Essa reacentuação transforma o texto sagrado em chave interpretativa exclusiva da realidade social, característica central do soterofascismo.

No que se refere à heteroglossia, o trecho opera um movimento paradoxal. Embora mobilize múltiplas vozes (bíblica, litúrgica, pastoral e política), essas vozes não coexistem em tensão produtiva, mas são progressivamente homogeneizadas em uma única entonação axiológica.

As vozes sociais alternativas que poderiam disputar a interpretação da crise nacional são silenciadas ou absorvidas por uma narrativa única de luz versus trevas. Assim, a heteroglossia é neutralizada por forças centrípetas que organizam o discurso em torno de um centro moral absoluto, no qual Jesus é apresentado como guia direto do grupo político representado (“segue à nossa frente”).

Esse encadeamento discursivo revela uma marca decisiva do soterofascismo: a sacralização do percurso político como caminho previamente iluminado por uma autoridade transcendente. A metáfora do deslocamento seguro “alargando as veredas para que passemos ilesos” constrói a imagem de um grupo eleito, protegido e legitimado espiritualmente, em contraste implícito com aqueles que permanecem nas “trevas”.

Dialogicamente, trata-se de um discurso que se vale da palavra do outro para fechar sentidos, produzir adesão e reduzir a complexidade do campo político a uma narrativa redentora binária, na qual contestar equivale a opor-se não apenas a um projeto político, mas a uma verdade sagrada.

A reacentuação do “vale sombrio” (Salmo 23) transforma o texto sagrado em chave interpretativa da crise nacional (narrativa de crise). A afirmação de que Jesus “segue à nossa frente” sacraliza o percurso político. A promessa de que a luz “brilhará” constitui a promessa salvífica final. O discurso instrumentaliza a palavra alheia para fechar sentidos e produzir adesão afetiva, neutralizando qualquer contraponto democrático.

Articulados, esses trechos revelam como o discurso opera dialogicamente não para promover o confronto produtivo entre vozes, mas para instrumentalizar a palavra alheia sagrada em favor de um projeto de legitimação moral e política. O soterofascismo se manifesta, portanto, não pela ausência de dialogismo, mas por sua domesticação: a voz bíblica é reacentuada, deslocada e fechada em um regime de sentido autoritário, no qual o sofrimento é sacralizado e convertido em capital simbólico de redenção coletiva.

Considerações finais

A análise do pronunciamento natalino de Michelle Bolsonaro evidencia a articulação entre linguagem religiosa e projeto político por meio de uma narrativa que espiritualiza a crise, moraliza o espaço público e apresenta a política como via de salvação coletiva. À luz da teoria bakhtiniana, observa-se que essa articulação se concretiza por meio de um gênero discursivo híbrido, no qual vozes religiosas são reacentuadas para legitimar uma liderança e um projeto nacional específicos.

Embora não configure uma defesa explícita de regimes autoritários, o discurso aproxima-se da lógica do soterofascismo ao esvaziar o debate democrático, substituir o dissenso pela moralização e investir a política de uma função redentora.

Em todos os trechos, observou-se que o dialogismo bakhtiniano se manifesta de maneira orientada: o discurso antecipa respostas, delimita um interlocutor ideal: “mulheres e homens de bem”, e cria uma esfera de concordância moral que reforça a inclusão ou exclusão social. Essa forma de diálogo é seletiva, promovendo a adesão sem permitir contestação efetiva, o que fortalece a lógica soterofascista de distinção entre os salvos e os que permanecem nas trevas.

A heteroglossia, presente na fusão de vozes religiosas, políticas e familiares, atua para naturalizar a interdependência entre fé e poder. O discurso mistura a linguagem bíblica, a exortação moral e a narrativa nacional, produzindo um efeito de unidade ideológica que converte a redenção espiritual em legitimidade política. Essa integração de múltiplas vozes, embora aparente diversidade, funciona como mecanismo de controle discursivo, consolidando uma narrativa de esperança e proteção que se sobrepõe a qualquer contraponto.

Por fim, a tensão entre discurso autoritário e persuasivo é central para a manutenção do soterofascismo. Os fragmentos mostram imperativos morais e exortações à obediência divina e à fidelidade política, impondo um sentido único de autoridade, enquanto o tom afetivo e acolhedor cria a ilusão de persuasão voluntária. Essa combinação reforça a adesão do público ao projeto político-religioso, transformando a fé e a esperança em instrumentos de mobilização social e legitimação do poder.

Em síntese, os fragmentos analisados exemplificam como o discurso soterofascista opera via dialogismo restritivo, heteroglossia instrumental e autoritarismo persuasivo, articulando religião e política de forma a estruturar um espaço de poder moral, simbólico e político. A análise evidencia, portanto, que a linguagem desempenha papel central na constituição de regimes discursivos que legitimam líderes e projetam um horizonte coletivo de salvação condicionado à fidelidade a uma ideologia específica.

Referências

AGGARWAL, J. C. **Mikhail Bakhtin and his response to authoritative discourse**. Contemporary Education Dialogue, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0973184914556867>

BAKHTIN, Mikhail M. **A imaginação dialógica: quatro ensaios**. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Martins Fontes, 2011a.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BOLSONARO, Michelle. **Viver o Natal é entender que a vida é feita de recomeços**. [Reel]. Instagram, 24 dez. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DSqh-xOEZIY/?igsh=cHc4c283MXoyOW1v>. Acesso em: 31 jan. 2026.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HEDGES, Chris. **American Fascists: The Christian Right and the War on America**. New York: Free Press, 2008.

DIAS, João Ferreira. **Political messianism in Portugal, the case of André Ventura**. Slovak Journal of Political Sciences, v. 22, n. 1, p. 79–107, 2022. DOI: 10.34135/sjps.220104.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRANCELINO, Pedro Farias; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. **A polêmica como contradiscurso em enunciados religiosos: uma leitura bakhtiniana** (The polemic as counterdiscourse in religious utterances: a Bakhtinian perspective). Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 51, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v51i2.3325>

GOLDBERG, Michelle. **Kingdom Coming: The Rise of Christian Nationalism**. New York: W. W. Norton & Company, 2006.

GRIFFIN, Roger. **Fascism, totalitarianism and political religion**. London: Routledge, 2005.

MORROW, Levi. **The Worship of the Dictator, The Spiritual Concept of the State: Joseph Soloveitchik's Lost Political Theology of Fascism and Redemption**. 2023. Trabalho apresentado no Bikkurim Graduate Conference, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/101843535/The_Worship_of_the_Dictator_The_Spiritual_Concept_of_the_State_Joseph_Soloveitchiks_Lost_Political_Theology_of_Fascism_and_Redemption. Acesso em: 20 de janeiro de 2026.

PASCHOAL, C. S. **O mito, a pátria amada e o inimigo: lampejos fascistas no discurso eleitoral de 2018**. Caderno de Letras, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i41.21510>

PY, Fábio Murta de. **Bolsonaro's Brazilian Christofascism during the Easter period plagued by Covid-19**. International Journal of Latin American Religions, v. 4, n. 2, p. 318-334, 2020. DOI: 10.1007/s41603-020-00120-4.

RUSU, Mihai-Stelian. **The Sacralization of Martyric Death in Romanian Legionary Movement: Self-Sacrificial Patriotism, Vicarious Atonement, and Thanatic Nationalism.** *Politics, Religion & Ideology*, v. 17, n. 2-3, p. 249-273, 2016. DOI: 10.1080/21567689.2016.1232196.

SIEWIERSKA-CHMAJ, Anna. **Eschatologia, mesjanizm i polityka.** *Sprawy Narodowościowe*, n. 37, p. 49–59, 18 fev. 2022. DOI: <https://doi.org/10.11649/sn.2010.020>

SÖLLE, Dorothee. **Beyond Mere Obedience: Reflections on a Christian Ethic for the Future.** Minneapolis: Fortress Press, 1970.

SÖLLE, Dorothee. **The Silent Cry: Mysticism and Resistance.** Minneapolis: Fortress Press, 2007.

TEIXEIRA, Ivana Siqueira; COSTA, Denis Souza da; FRANCELINO, Pedro Farias; ALMEIDA, Maria de Fátima. **Dispersões dos discursos religiosos de adesão evangélica a Bolsonaro em enunciados do Pr. Ed René Kivitz: uma análise dialógica.** *Revista Odisseia*, v. 9, n. especial, p. 388–409, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2024v9nespecialid34830>

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading Images: The Grammar of Visual Design.** 2. ed. London: Routledge, 2006.

VINE, W.E., UNGER, Merrill F., WHITE, William. **Dicionário Vine: O significado Exegético E Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD, 2002.